

# **A FÉ E A RAZÃO NOS DISCURSOS DE BENTO XVI**

## **FAITH AND REASON TO BE SPEECHES OF BENEDICT XVI**

Gilberto Marques de Araújo Júnior<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Segundo o pensamento do Papa Emérito, Joseph Ratzinger, Papa Emérito Bento XVI, fé e razão são indissociáveis na busca da verdade a respeito do mundo, das coisas e, principalmente, do próprio homem. O conhecimento científico é importante e necessário, sendo também a base para uma séria e autêntica teologia ou para um correto conhecimento e interpretação da Sagrada Escritura. A razão precisa ser iluminada pela fé, para que seja capaz de responder às questões mais essenciais a respeito da vida humana. A relação entre fé e razão é um problema antigo e sempre novo. Já os grandes filósofos gregos, servindo-se da reflexão puramente filosófica, chegaram a afirmar com certeza a existência de Deus, o Ser necessário e supremo, indicando também alguns de seus atributos. O distanciamento da filosofia do ser acabou levando ao enfraquecimento da Filosofia e a uma atitude de preconceito em relação à fé, como se tudo o que diz respeito ao espírito devesse ser considerado como algo que não tem nada a ver com a razão e a ciência. Compreender a harmonia e a complementaridade entre a fé e a razão é uma questão tão necessária quanto atual.

Palavras-chave: fé; razão; filosofia; ciência.

### **INTRODUÇÃO**

No presente trabalho, apresentaremos de forma pontual o pensamento do Papa Emérito Bento XVI, Joseph Ratzinger, a respeito da relação entre a fé e a razão, baseando-nos nos ensinamentos apresentados ao longo de seu magistério como sucessor de Pedro, os quais são de grande auxílio para a compreensão deste tema tão importante para o equilíbrio e a harmonia do pensamento humano.

A apresentação que faremos tem como objetivo ajudar o leitor a compreender com maior clareza que fé e razão são indissociáveis na busca da verdade a respeito do mundo, das coisas e, principalmente, do próprio homem. O conhecimento

---

<sup>1</sup> Aluno concluinte do curso de Bacharelado em Teologia pela Faculdade Católica de Anápolis  
*DE MAGISTRO DE FILOSOFIA* Ano VII – No. 14 – Anápolis – 2º. Semestre de 2014

científico é importante e necessário, sendo também a base para uma séria e autêntica teologia ou para um correto conhecimento e interpretação da Sagrada Escritura. No entanto, a razão precisa ser iluminada pela fé, para que seja capaz de responder às questões mais essenciais a respeito da vida humana.

A relação entre fé e razão é um problema antigo e sempre novo. Já os grandes filósofos gregos, servindo-se da reflexão puramente filosófica, chegaram a afirmar com certeza a existência de Deus, o Ser necessário e supremo, indicando também alguns de seus atributos.

Na Idade Média os grandes teólogos, dentre os quais Agostinho de Hipona, Anselmo de Cantuária, Boaventura e Tomás de Aquino, valorizaram a filosofia grega aplicando seus princípios à reflexão teológica, harmonizando-os e utilizando-os como fundamento para a ciência teológica.

Com a chegada da filosofia moderna e do Iluminismo, o método cartesiano antepôs o agir ao ser com o famoso “penso, logo existo”, o qual marcou o início da filosofia moderna. Tal inversão causou uma reviravolta na Filosofia, dando origem a teorias que chegaram até mesmo à negação da capacidade humana de conhecer a realidade.

O distanciamento da filosofia do ser acabou levando ao enfraquecimento da Filosofia e a uma atitude de preconceito em relação à fé, como se tudo o que diz respeito ao espírito devesse ser considerado como algo que não tem nada a ver com a razão e a ciência.

Por tudo isso, compreender a harmonia e a complementaridade entre a fé e a razão é uma questão tão necessária quanto atual. Com o presente trabalho esperamos provar que não existe oposição entre ciência e fé, pois a verdadeira ciência nos conduz a Deus e somente uma falsa ciência afasta-nos d’Ele. Desse modo, poderemos ter a convicção de que somente quando a fé e a razão caminham juntas é que o homem pode chegar a um conhecimento integral da verdade sobre si mesmo, sobre o mundo em que vive e sobre Deus.

## **FIDEÍSMO E RACIONALISMO: DOIS GRANDES MALES**

Como afirmou João Paulo II, no início da Encíclica *Fides et Ratio*, “a fé e a razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade”. Tal afirmação nos leva a concluir que é pela fé e pelo uso da *DE MAGISTRO DE FILOSOFIA* Ano VII – No. 14 – Anápolis – 2º. Semestre de 2014

inteligência que podemos chegar a Deus, Verdade Suprema. Se deixarmos de lado a fé, não iremos muito longe, caindo em uma das muitas formas de racionalismo ou, pior, despencando no ceticismo, este grande mal tão comum em nossos tempos. Por outro lado, se abdicamos da razão caímos em alguma forma de fideísmo, que inevitavelmente conduz ao fanatismo religioso ou à superstição.

Nos últimos dois séculos as grandes descobertas científicas fizeram com que muitos desprezassem a fé, tornando-se racionalistas. Atualmente, após um desenvolvimento científico e tecnológico sem precedentes e, até poucas décadas atrás, impensável, o ser humano encontra-se perdido e confuso diante de tantas conquistas da inteligência, caindo numa certa forma de ceticismo com respeito à capacidade da inteligência humana de conhecer a verdade.

Diante deste complexo contexto filosófico, cultural, científico e tecnológico em que nos encontramos, o caminho a seguir para superar o ceticismo e outros males, como o subjetivismo e o relativismo, que tanto afligem o homem contemporâneo, não é outro senão aquele trilhado pela Igreja em todas as épocas de sua história: a interação entre as ciências filosófica e teológica.

No início de sua vida acadêmica como professor de teologia, Ratzinger sentiu o ceticismo dos que afirmam a oposição entre fé e razão. Em sua famosa Aula Magna, proferida em 2006, na Universidade de Ratisbona, onde ele tinha sido professor, Bento XVI lembrou um antigo colega daquela Universidade cujo ceticismo o fazia dizer que lá havia duas Faculdades teológicas que tratavam de uma realidade que não existia: Deus. No entanto, mesmo diante de um ceticismo tão radical, permanecia “a convicção de que, no conjunto da universidade, era necessário e razoável interrogar-se sobre Deus por meio da razão” (BENTO XI, 2006).

Fazendo referência a uma obra intitulada *Diálogo com um mulçumano*, na qual o autor, Miguel II Paleólogo critica a difusão da fé por meio do uso da violência, Bento XVI (2006) destaca a seguinte afirmação do autor:

Deus não se compraz com o sangue; não agir segundo a razão – *σὸν λόγῳ* – é contrário à natureza de Deus. A fé é fruto da alma, não do corpo. Por conseguinte, quem desejar conduzir alguém à fé tem necessidade da capacidade de falar bem e de raciocinar corretamente, e não da violência nem da ameaça.

Desse modo, Bento XVI parte do princípio de que toda ação de Deus é razoável. De fato, não poderia ser diferente, pois se Deus é o autor de todas as coisas e fez tudo com sabedoria, a fé não pode ser oposta à razão e, por conseguinte, também não pode entrar em contradição com as verdadeiras descobertas da ciência.

Surge, então, a pergunta: de onde vem a teoria segundo a qual fé e razão são opostas? Como surgiu esta tese, amplamente difundida e aceita por muitos? Esta tese tem sua origem no Racionalismo, surgido com o Renascimento (final do século XVI) e fortaleceu-se com o Iluminismo (século XVIII). Assim, pode-se dizer que o que se opõe à Fé não é a razão, e sim o racionalismo antirreligioso dos séculos XVII e XVIII, o qual pretendia que só a razão podia iluminar o homem, cuja mente estaria nas trevas da superstição por causa da irracionalidade da fé.

Para tal iluminismo racionalista, a razão seria suficiente para tudo compreender, sem nenhuma necessidade de ter a ajuda da luz da fé. No entanto, é preciso perceber a contradição que o Racionalismo e o Iluminismo trazem consigo, pois acabam professando a crença numa onipotência da razão. Por isso, Karl Popper (1974, p. 238-9) afirma que “a atitude racionalista fundamental se baseia numa decisão irracional, ou numa fé na razão”. Sabemos por experiência que nossa razão é limitada. Logo, se toda razão individual reconhece sua limitação, então, torna-se evidente que a razão humana é limitada.

## **A HARMONIA ENTRE A FÉ E A RAZÃO**

Não há dúvida que Teologia e Filosofia são ciências distintas, tanto pelo método como também pelo objeto. A Filosofia procede por raciocínios lógicos e tem como objeto primeiro o mundo e o homem, tais como os conhecemos pela experiência. Já a Teologia, procede a partir do ato de fé na revelação divina, procurando um certo entendimento dessa fé, tendo como objeto primeiro o próprio Deus como se deu a conhecer em sua auto revelação. No entanto, essa distinção não leva necessariamente a uma separação. (JÚNIOR, 2010, p. 1)

Mesmo sendo ciências distintas, Filosofia e Teologia podem se relacionar porque seu objeto coincide, embora parcialmente. Ainda que o objeto primeiro da

Teologia seja Deus, o homem e o mundo também são objetos da Teologia, na medida em que se relacionam com Deus ou são considerados sob a luz da revelação de Deus.

Por outro lado, a Filosofia que, como foi dito, tem como objeto primeiro o mundo e o homem, pode chegar a um certo conhecimento de Deus como origem e fundamento do mundo e do homem. Assim, vemos que tanto a Teologia como a Filosofia tratam de Deus, do mundo e do homem. A primeira, por um movimento de descida, parte de Deus e chega até o mundo e o homem, considerados sob a luz da fé. A segunda, por um movimento de subida, vai do mundo e do homem até Deus, considerado sob a luz da razão que interroga. E é precisamente por partilharem os mesmos objetos, considerados a partir de óticas diversas, que é possível falar da relação entre fé e razão. **É essa a convicção de Bento XVI:**

O nascimento das universidades europeias foi fomentado pela convicção de que a fé e a razão devem cooperar na busca da verdade, cada uma respeitando a natureza e a autonomia legítima da outra, mas trabalhando em conjunto, harmoniosa e criativamente, em vista da realização de cada pessoa humana na verdade e no amor.<sup>2</sup>

Em sua ‘Aula Magna’ na Universidade de Ratisbona, Bento XVI tratou sobre a relação entre fé e razão. Ao contrário de muitos discursos teológicos com tendências fideístas e de muitas filosofias voluntaristas e agnósticas, Ratzinger afirma que a Tradição da Igreja sempre se posicionou do lado da razão. Porém, de uma razão que é capaz de dizer algo sobre Deus e, desse modo, colocar-se em sintonia com a fé. Isso porque entre o homem – criatura racional – e Deus existe uma analogia. Assim diz o Papa Bento XVI:

A fé da Igreja sempre se ateu à convicção de que entre Deus e nós, entre o seu eterno Espírito criador e nossa razão criada, existe uma verdadeira analogia, na qual, por certo - como afirma, em 1215, o IV Concílio de Latrão - as diferenças são infinitamente maiores que as semelhanças, mas não até o ponto de abolir a analogia e sua linguagem.<sup>3</sup>

Bento XVI afirma decididamente que a fé cristã não é oposta à razão, ou seja, não pode ser reduzida à irracionalidade. Para ele, a grande prova disso foi o harmonioso encontro entre o pensamento grego em sua melhor parte e a fé cristã. Lembrando o sonho do Apóstolo Paulo, narrado nos Atos dos Apóstolos, Ratzinger vê

<sup>2</sup> BENTO XVI, Discurso aos Participantes do 1º Encontro Europeu de Professores Universitários, p. 3.

<sup>3</sup> BENTO XVI, Discurso no Encontro com os Representantes das Ciências, p. 5.

tal encontro não apenas como uma contingência histórica, mas como um acontecimento providencial e considera que as melhores conquistas da filosofia grega na luta contra o mito pertencem intrinsecamente à fé cristã.

Este encontro entre a mensagem bíblica e o pensamento grego não era simples coincidência. A visão de São Paulo – quando diante dele se estavam fechando os caminhos da Ásia e, em sonho, viu um macedônio que lhe suplicava: “Passa à Macedônia e vem ajudar-nos!” (cf. At 16, 6-10) – esta visão pode ser interpretada como a condensação da necessidade intrínseca de aproximação entre a fé bíblica e a indagação grega.<sup>4</sup>

A fé não precisa lançar fora a razão para ser ela mesma. Pelo contrário, a verdadeira fé estará sempre em harmonia com a razão, pois agir irracionalmente é contrário à natureza de Deus. Nesse mesmo sentido, em sua Carta Encíclica *Spes Salvi*, Ratzinger afirma que “sem dúvida, a razão é o grande dom de Deus ao homem, e a vitória da razão sobre a irracionalidade é também um objetivo da fé cristã”.<sup>5</sup>

Segundo a expressão de Bento XVI, Teologia e Filosofia formam um par de gêmeos peculiar, sendo que uma não pode separar-se totalmente da outra, embora cada uma tenha sua própria identidade. A ambas está confiada a missão de conservar viva a sensibilidade pela verdade, não permitindo que o homem seja afastado da busca pela verdade. Sem dúvida, trata-se de uma altíssima e difícil missão, pela qual é necessário lutar incessantemente, sendo que nunca poderá ser alcançada de maneira definitiva.<sup>6</sup>

Servindo-se da fórmula utilizada pela Igreja para explicar a união das naturezas - divina e humana - na única Pessoa de Cristo, Bento XVI diz que a relação entre Filosofia e Teologia deve ser ‘sem confusão e sem separação’. ‘Sem confusão’ significa que cada uma delas deve conservar a própria identidade. Mas também ‘sem separação’ porque a filosofia não deve fechar-se diante daquilo que a fé cristã recebeu e transmite à humanidade como indicação do caminho em busca da verdade, enquanto que a Teologia deve continuar a beber um tesouro de conhecimento que sempre a supera e que jamais será totalmente esgotado por meio da reflexão, levando o pensamento a sempre começar de novo o esforço de compreensão da fé.<sup>7</sup>

---

<sup>4</sup> *Ibid*, p. 3-4.

<sup>5</sup> BENTO XVI, Carta Encíclica *Spes Salvi*, n. 23.

<sup>6</sup> BENTO XVI, Discurso para o Encontro na Universidade *La Sapienza*, p. 5.

<sup>7</sup> *Ibid*, p. 6.

De tudo o que foi dito, vemos a necessidade de que exista um diálogo profundo e harmonioso entre a ciência e a fé, o qual deve ser desejado e buscado não só pela Igreja, mas também pela comunidade científica.<sup>8</sup> Esse diálogo deve ter sempre em conta que a fé supõe a razão, enquanto que a razão precisa ser iluminada pela fé para que tenha a força de elevar-se ao conhecimento de Deus e das realidades espirituais e, ainda, para que possa chegar a uma justa e correta compreensão do mundo e do homem.

## **A PROPOSTA DE BENTO XVI: AMPLIAR O CONCEITO DE RAZÃO**

Na Aula Magna, em Regensburg, Bento XVI fez uma análise sobre o desenvolvimento do pensamento filosófico, em suas diversas escolas, mostrando como a concepção de razão tem sofrido uma redução ao longo da história.

Ratzinger entende que a desconstrução das boas relações entre fé e razão teve início já no século XIII, com o surgimento de tendências que rompiam a síntese entre o espírito grego e o espírito cristão, elaborada por Santo Tomás de Aquino. E tem a coragem de reconhecer que essa separação foi alavancada por um teólogo franciscano, o Beato Duns Escoto, que lecionou na Universidade de Paris.

Em contraste com o ensinamento dos grandes Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino, Duns Escoto iniciou o chamado voluntarismo, segundo o qual Deus, em sua absoluta liberdade, teria podido criar e também fazer o contrário de tudo o que de fato Ele realizou. Ao colocar a vontade acima do intelecto, tanto em Deus como nos homens, Duns Escoto negou a analogia do ser e aceitou como possível a separação entre fé e razão.

Ratzinger faz notar que tal doutrina leva a uma imagem de um Deus arbitrário, o qual, em seu agir, não está dependente nem mesmo da verdade e do bem, imagem essa que encontramos com traços mais definidos nos escritos do mestre maometano Ibn Hazn, em sua interpretação literal do Alcorão. Essa tendência de separação entre fé e razão foi acentuando-se nos fins da Idade Média, principalmente com Guilherme Ockham (séc. XVI), e continuou a progredir ao longo de toda a

---

<sup>8</sup> BENTO XVI, Discurso na Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura, p. 3. *DE MAGISTRO DE FILOSOFIA* Ano VII – No. 14 – Anápolis – 2º. Semestre de 2014

modernidade. Com o Iluminismo (séc. XVIII), considerado a “Idade da Razão”, temos o paradigma da separação total entre as duas formas de saber, sendo exaltada a razão em detrimento da fé.<sup>9</sup>

Bento XVI vê claramente a necessidade de uma correta compreensão do conceito de razão. Na realidade, a falsa oposição entre razão e fé é fruto da redução do conceito de razão, redução que terminou por levar a uma errada concepção da razão.

Não há dúvidas de que fé e razão podem e, mais do que isso, devem caminhar juntas. Mas de que razão fala Bento XVI? Que razão pode, de fato, estabelecer relações amigáveis e harmoniosas com a fé? Certamente não é a razão que, esquecendo-se de seu fundamento, se tornou apenas um instrumento lógico destinado à manipulação dos fenômenos, ou seja, capaz de conhecer e pronunciar-se apenas sobre o que pode ser apreendido pelos sentidos. Em outras palavras, não é o modelo restrito de razão que tem vigorado na modernidade, que faz das ciências empíriológicas a última palavra em termos de racionalidade, que poderá constituir um diálogo frutuoso com a fé.

Com essa racionalidade restrita, a ciência fica reduzida ao mundo dos fenômenos, e vê como ilegítima toda tentativa de ultrapassagem, de *meta-física*. Como consequência, os horizontes da vida se tornam demasiado estreitos e é o próprio homem que se vê ameaçado em sua constituição fundamental. As grandes questões humanas, decisivas para o sentido da vida, simplesmente não têm lugar no âmbito de uma racionalidade fechada em sua própria finitude, esquecendo-se de sua abertura para a infinitude do ser.

Se a ciência no seu conjunto é apenas isto, então é o próprio homem que, com isto, sofre uma redução. Mas as interrogações propriamente humanas, isto é, as do de onde e do para onde, os questionamentos da religião e do *ethos*, não podem encontrar lugar no espaço da razão comum descrita pela ciência entendida deste modo e devem ser deslocados no âmbito do subjetivo. O sujeito decide, com base nas suas experiências, o que lhe parece religiosamente sustentável, e a consciência subjetiva torna-se portanto a única exigência ética.<sup>10</sup>

O que, então, propõe Bento XVI? Com certeza, não pede uma volta ao passado ou uma rejeição da modernidade, pois afirma que tudo o que é válido no

---

<sup>9</sup> *Ibid*, p. 4-5.

<sup>10</sup> BENTO XVI, Discurso no Encontro com os Representantes das Ciências, p. 7.  
*DE MAGISTRO DE FILOSOFIA* Ano VII – No. 14 – Anápolis – 2º. Semestre de 2014



desenvolvimento moderno do espírito há de ser reconhecido sem reservas, pois todos nos sentimos agradecidos pelas grandiosas possibilidades e pelos progressos que foram proporcionados no campo humano.<sup>11</sup> Na verdade, Bento XVI tem em vista não uma crítica negativa. Sua proposta é positiva, e consiste num alargamento do nosso conceito de razão e do seu uso. Sem dúvida, este é o ponto mais importante de toda a problemática.

Na verdade, o que Ratzinger pede é simplesmente que a razão tenha também em consideração a busca da sabedoria, pois a razão nunca deveria deixar de exercer sua dimensão sapiencial. Isso significa que a razão é capaz de passar dos fenômenos aos seus fundamentos.

Bento XVI propõe uma abertura e alargamento da razão contra o fechamento e a estreiteza desde fins da Idade Média. Segundo ele, é necessária uma ultrapassagem dessa limitação auto decretada na modernidade.

Não se trata de algo novo, pois a proposta do Papa está em plena harmonia com a vocação originária da Filosofia. Em seus albores, a Filosofia foi sempre entendida como uma verdadeira busca da sabedoria. Foi a busca de uma visão básica do sentido das coisas, de um correto entendimento a respeito do cosmos e do homem que portava, inclusive, orientações éticas.

As próprias ciências naturais, ao obterem grande êxito no descobrimento das leis que regem a matéria, acabam por colocar uma questão que nos convida a ir além das próprias ciências: Qual a razão da inteligibilidade da matéria? Ou, em outras palavras: Por que a matéria apresenta uma simetria com a inteligência humana? E Bento XVI responde dizendo que a própria ciência só pode simplesmente aceitar a estrutura racional da matéria e a correspondência entre o nosso espírito e essa estrutura racional que existe e opera na natureza.<sup>12</sup>

Mas, a pergunta sobre o porquê deste dado de fato existe e deve ser confiada pelas ciências naturais a outros níveis e modos do pensar – à filosofia e à teologia. Para a filosofia e, de maneira diferente, para a teologia, a escuta das grandes experiências e convicções das tradições religiosas da humanidade, especialmente da fé cristã, constitui uma fonte de conhecimento; recusá-la significaria uma inaceitável redução do nosso escutar e responder.<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> *Ibid*, p. 8.

<sup>12</sup> *Ibid*, p. 9.

<sup>13</sup> *Ibid*.

Sem dúvida, este argumento pode ser o ponto de partida para o processo de alargamento do conceito de razão que tem vigorado em nosso tempo. É precisamente a partir deste argumento que o Papa definitivamente afirma que a Filosofia como ciência que busca a sabedoria e a Teologia como ciência da fé são verdadeiras e indispensáveis fontes de conhecimento para o homem e, por isso, ocupam um lugar de destaque entre as ciências e desempenham um papel importantíssimo e indispensável para o conhecimento da verdade sobre o mundo e o homem. Rejeitá-las, significaria reduzir lamentavelmente a nossa capacidade de conhecer e de seguir a verdade sobre nós mesmos e sobre tudo o que existe, tendo como consequência também a redução da nossa capacidade de viver segundo essa mesma verdade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ideias que foram aqui apresentadas nos mostram que fé e razão são indissociáveis, ou seja, devem caminhar juntas se quisermos alcançar o conhecimento da verdade a respeito das questões mais fundamentais para o ser humano, tais como: Quem sou eu? De onde venho? Para onde vou? Qual é o sentido da vida? O que é o bem? Em que consiste a felicidade? Todas estas perguntas só poderão ser respondidas de modo satisfatório se partirmos da especulação filosófica e passarmos ao conhecimento da auto revelação de Deus que nos é oferecido pela fé cristã. Este há de ser o itinerário a ser percorrido por quem busca a verdade sobre as interrogações mais profundas do coração humano.

Como explica Bento XVI, o divórcio entre fé e razão foi iniciado com o voluntarismo de Duns Escoto, já no século XIII, e levado adiante pelo iluminismo racionalista a partir do século XVI, tendo como consequência o cientificismo atual, segundo o qual a única fonte de verdade são os conhecimentos alcançados pela ciência. Tal doutrina tem consequências desastrosas, pois pretende que a verdade seja propriedade única e exclusiva da ciência, taxando como ignorante, fanático ou fundamentalista todo aquele que queira apresentar outra fonte de conhecimento da verdade.

O cientificismo considera que o universo é rígido e organizado unicamente pelas leis físicas e o acaso, ou seja, defende que não existe um propósito no universo. Sem dúvida, isso é válido como método que a ciência assume para investigar a natureza.

Porém, de modo nenhum isto pode ser estendido para doutrina filosófica, como fazem os cientificistas. Com uma atitude anticientífica, eles assumem esta postura e negam qualquer direito de posição contrária. Por isso, se é verdade que no passado a ciência ajudou a eliminar qualquer traço de misticismo da religião, hoje é a ciência que precisa da religião para se livrar do falso absolutismo do cientificismo.

Nossa civilização ocidental passa por uma crise que tem como causa principal a rejeição da Transcendência e a tentativa de colocar o homem como fundamento de todas as coisas. Isto teve como consequência uma mudança radical de orientação, uma nova concepção de homem e uma nova visão da vida. Como dizia o personagem de Dostoievski em irmãos Karamazov, “se Deus não existe e a alma é mortal, tudo é permitido”.<sup>14</sup> Se a nossa razão não for alargada, como sugere Bento XVI, nossa civilização caminhará em direção a um anti-humanismo, pois tirará do homem o que ele possui de mais nobre: A capacidade de busca e encontro com o Transcendente.

Por tudo o que foi apresentado, podemos concluir que entre fé e razão não existe contradição, mas sim convergência na busca pela única e plena verdade. À luz da razão e à luz da fé provêm ambas de Deus Criador e, por isso, não podem contradizer-se. Mas para que exista harmonia entre elas, é indispensável que a Filosofia retome a consciência de seu eminente papel entre as ciências, mediante o tratado de Metafísica, no qual a razão vai em busca da Causa Primeira e do Fim Último de todas as coisas. Do contrário, a Filosofia ficará sempre reduzida a uma mera interpretação dos fatos ou à investigação sobre determinados campos do saber humano e de suas estruturas.

Fé e razão são complementares e cada uma deve reconhecer que precisa da outra. A razão, por ser limitada, não pode conhecer toda a verdade, tendo necessidade da luz da fé. Por outro lado, ninguém deve crer sem se dar conta das razões que o levam a crer, pois a fé não é um ato cego ou sentimental, mas um ato da inteligência que, movida pela vontade, adere à Palavra de Deus.

Desse modo, deve ser rejeitado tanto o fideísmo quanto o racionalismo, visto que o primeiro priva a fé do apoio da razão ou de sua base racional, ao passo que o segundo só aceita o que a razão pode demonstrar. Ao fideísta deve-se dizer: Raciocina, para que possas chegar à verdadeira fé. E ao racionalista: Creia, para que possas compreender.

---

<sup>14</sup> DOSTOIEVSKI, Irmãos Karamazov, p. 109.

## ABSTRACT

According to the thought of Pope Emeritus, Joseph Ratzinger, Pope Benedict XVI Emeritus, faith and reason are inseparable in the quest for truth about the world of things, and especially the man himself. Scientific knowledge is important and necessary, it is also the basis for a serious and authentic theology or a correct understanding and interpretation of Scripture. The reason needs to be enlightened by faith, to be able to answer the most fundamental questions about human life. The relationship between faith and reason is an ancient and ever new problem. Already the great Greek philosophers, serving up the purely philosophical reflection, came to state with certainty the existence of God, the Supreme Being needed and also indicating some of its attributes. The distance from the philosophy of being eventually leading to weakening of philosophy and an attitude of prejudice against the faith, as if everything that pertains to the spirit should be considered as something that has nothing to do with reason and science. Understanding the harmony and complementarity between faith and reason is as necessary as the current issue.

Keywords: faith; reason; philosophy; Science.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO XVI, PAPA. *Encontro com jovens professores universitários*. Madri, 2011. Disponível em: [www.vatican.va/SumosPontífices/BentoXVI/Discursos](http://www.vatican.va/SumosPontífices/BentoXVI/Discursos). Acesso em 25 de março de 2014.

\_\_\_\_\_. *Visita à Universidade “La Sapienza”*. Roma, 2008. Disponível em: [www.vatican.va/SumosPontífices/BentoXVI/Discursos](http://www.vatican.va/SumosPontífices/BentoXVI/Discursos). Acesso em 25 de março de 2014.

\_\_\_\_\_. *Encontro com os Representantes das Ciências. Aula Magna na Uiversidade de Regensburg*. Regensburg, 2006. Disponível em: [www.vatican.va/ Sumos Pontífices/BentoXVI/Discursos](http://www.vatican.va/SumosPontífices/BentoXVI/Discursos). Acesso em 25 de março de 2014.

\_\_\_\_\_. *Discurso no 1º Encontro Europeu de Professores Universitários*. Roma, 2007. Disponível em: [www.vatican.va/SumosPontífices/BentoXVI/Discursos](http://www.vatican.va/SumosPontífices/BentoXVI/Discursos). Acesso em 25 de março de 2014.

\_\_\_\_\_. *Discurso na Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura*. Roma, 2008. Disponível em: [www.vatican.va/SumosPontífices/BentoXVI](http://www.vatican.va/SumosPontífices/BentoXVI). Acesso em 25 de fevereiro de 2014.

\_\_\_\_\_. “*Motu Proprio*” *Porta Fidei*. Disponível em: [www.vatican.va/SumosPontifices/BentoXVI](http://www.vatican.va/SumosPontifices/BentoXVI). Acesso em outubro de 2013.

BENTO XVI. “*Exortação Apostólica Pós Sinodal*” *Verbum Domini*. Disponível em: [www.vatican.va/SumosPontifices/BentoXVI](http://www.vatican.va/SumosPontifices/BentoXVI). Acesso em 25 de fevereiro de 2013.

\_\_\_\_\_. “*Carta Encíclica*” *Spe Salvi*: Sobre a esperança cristã. 6. Ed. São Paulo: Paulinas. 2007.

BETTENCOURT, D. Estevão. Fé e Razão, parte 1. *Revista Pergunte e Responderemos*, nº 441, p. 50. Lumen Christi, 1999.

DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Coleção Os Pensadores, vol. XV. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril, 1973.

DOSTOIEVSKI, Fiódor. *Irmãos Karamazov*. São Paulo: Editora 34, 2008.

JOÃO PAULO II, Papa. *Fides et Ratio*. São Paulo: Paulinas. 1998.

JÚNIOR, Padre Elílio de Faria Matos. Fé e Razão no Ocidente: A Proposta de Bento XVI. *Revista Filosofia*, nº 18, p. 7 a 14. Escala educacional. 2010.

POPPER, Karl. *A Sociedade Aberta e Seus Inimigos*, 2 vol. Belo Horizonte e São Paulo: Itatiaia-Edusp. 1974.